

## ÍNDICE

Um	11
Dois	30
Três	42
Quatro	56
Cinco	69
Seis	79
Sete	87
Oito	100
Nove	117
Dez	133
Onze	150
Doze	168
Treze	177
Catorze	194
Quinze	226
Dezasseis	235
Dezassete	250
Dezoito	258
Dezanove	268
Vinte	277
Vinte e Um	293
Vinte e Dois	307

Vinte e Três	318
Vinte e Quatro	332
Vinte e Cinco	344
Vinte e Seis	352
Vinte e Sete	362
Vinte e Oito	373
Vinte e Nove	388
Trinta	397
Trinta e Um	403
Cena Extra	419
Carta da Autora	425
Agradecimentos	427



*Aqui há dragões.*



## UM

Estou novamente a sonhar em dragoniano.

As frases longas e complexas ocorrem-me mais facilmente quando durmo do que quando estou acordada e, mesmo antes de abrir os olhos, a minha mente fixa-se numa palavra.

*Mengkhenyass.*

Que significa?

Viro-me e a neblina do sono dissipa-se rapidamente perante a luz do Sol que entra pelas janelas de guilhotina. No chão, enrolado num monte de cobertores, o meu primo Marquis ressona. O pai dele passou outra vez a noite a falar com os meus pais, em sussurros, sobre greves e protestos e fogo de dragão. A presença de Marquis no chão do meu quarto está a tornar-se um acontecimento regular.

O som de tachos e panelas a bater ecoa na cozinha lá em baixo. Sento-me na cama, com um aperto no estômago, quando me lembro. A chanceler da Academia de Linguística Dragoniana vem cá jantar. Aqui, em casa dos meus pais.

Esta noite.

Ando ansiosa por este dia há semanas — não, há meses. A doutora Rita Hollingsworth vem visitar a minha mãe para discutir a sua teoria dos dialetos dos dragões, mas será a minha oportunidade de a impressionar e (quase não ousar ter esperança) de garantir um estágio de verão no Departamento de Tradução da Academia.

— Marquis! — Atiro uma almofada à cabeça do meu primo. — Acorda.

Marquis resmunga, com a cara na almofada.

— Por amor de Deus, Viv. Pensava que íamos dormir até mais tarde.

— Há muito que fazer — respondo. — Tenho de estar na loja do encadernador às dez.

Visto o roupão e aproximo-me da secretária onde se encontra a carta de recomendação da minha professora, muito direita e imaculada. A porta abre-se com estrondo e Ursa entra, já vestida. Marquis geme quando ela se atira para cima dele e lhe encosta os lábios cor-de-rosa ao ouvido.

— Primo? — sussurra, bem alto. — Estás acordado?

— Agora está, ursinha. — Rio-me e abro-lhe os braços. A minha irmãzinha é macia e quente e cheira a leite e mel. — Onde é que vais?

— Não posso dizer-te — responde Ursa, arregalando os olhos. — É um lugar secreto.

— Um lugar secreto? — Marquis senta-se, com um sorriso malicioso. — São os meus lugares preferidos!

Ursa ri-se e deixa-me desembaraçar-lhe o cabelo, que ficou enroscado na fita puída que segura o seu passe.

## **Ursa Featherswallow**

5 Anos

Segunda Classe

Inspeciono a fita e solto uma imprecação.

— Ursa! Já devias ter pedido à mamã para substituir esta fita. *Sabes* muito bem que não podes arriscar perder o passe.

Pego no meu próprio passe, preso por uma fita de veludo preto, e coloco-o ao pescoço. A perspectiva de Ursa ser detida e não ter o

passa enche-me de pavor. Aquelas duas palavras — *Segunda Classe* — são a diferença entre ter alguma coisa e não ter nada.

A minha irmã franze a testa e aponta para a parede atrás da minha secretária. Está decorada com vários papéis: esboços feitos por Marquis das várias espécies de dragões, a minha carta de aceitação na Universidade de Londres e uma pintura a aguarela. Preparo-me para a pergunta que Ursa mais faz ultimamente.

— Onde está a Sophie?

Viro-me com relutância para a pintura, tentando ignorar a vaga de saudades que me percorre. Vejo o meu próprio rosto a sorrir-me da parede e, ao lado, o rosto da minha melhor e mais antiga amiga.

— Já te disse. — Seguro o rosto de Ursa entre as mãos. — Ela partiu.

Não vejo Sophie desde o verão, quando ela chumbou no Exame e foi despromovida para a Terceira Classe. No espaço de poucas semanas viu-se obrigada a desistir do nosso sonho de frequentarmos a universidade juntas e a sair de casa da família em Marylebone para ir viver numa casa de transição num bairro para a Terceira Classe. A memória do dia dos resultados ainda me causa um arrepio. O choro débil de Sophie, a maneira como se deixou cair por terra como um balão vazio, a expressão lúgubre do pai quando se inclinou para ler o papel que ela tinha na mão.

O sentimento de culpa eleva-se em mim como uma vaga gigantesca e deixa-me sem ar.

— A Sophie agora é Terceira Classe — diz Marquis, deitando-me um olhar nervoso.

Arranco a pintura da parede.

— Ursa! — chama a voz da mamã pelas escadas. — Estou à tua espera, querida.

Ursa sai a correr do quarto sem olhar para trás e, cinco segundos depois, ouvimos a porta da rua a fechar-se com estrondo. Atiro a aguarela para o cesto dos papéis e tiro do roupeiro uma blusa de renda e umas calças.



— Podes deixar-me vestir? — peço a Marquis, antes que ele volte a mencionar o nome de Sophie.

Ele faz que sim com a cabeça, pega nas suas coisas e sai do quarto. Deixo então que as lágrimas caiam, quentes e inevitáveis, enquanto prendo a parte da frente do cabelo com os ganchos. Depois pestanejo furiosamente para as afastar. Aquilo que fiz a Sophie é imperdoável, mas é tarde de mais para mudar seja o que for. Fiz a minha escolha — uma escolha feia mas necessária — e agora tenho de viver com as consequências. O meu desgosto não é nada, em comparação com o que Sophie deve estar a sentir.

Momentos depois, batem à porta. Abro e Marquis oferece-me o braço.

— Para o encadernador? — diz, com um sorriso animado.

Veste uma gabardina creme e tem o cabelo escuro penteado na perfeição. Enfio o braço no dele e a minha ansiedade diminui. O dia estende-se à nossa frente, levando-nos para mais perto do momento em que impressionarei Rita Hollingsworth com o meu portfólio. Sinto uma vaga de antecipação. Se tudo correr como planeado, esta noite estarei um passo mais perto de me tornar Vivien Featherswallow, Tradutora de Dragoniano.

As ruas de Fitzrovia fervilham de atividade e agarro-me bem a Marquis enquanto ele se pavoneia entre os vendedores ambulantes que apregoam guloseimas doces e caixas de bugigangas. Muitos viram-se para o cumprimentar. Toda a gente adora Marquis, cujo charme e graça naturais nos traz todo o tipo de privilégios desde que éramos pequenos. Um grupo de homens de barba inspeciona uma coleção de livros antigos, levando aos olhos as lunetas para admirar as orlas douradas. A familiar língua búlgara ecoa-me docemente nos ouvidos e uma fila de ícones religiosos pintados fita-me de uma das bancas.

— «Dragões Rebeldes Apanhados em Durham!» — grita um ardina. — «Estará o Acordo de Paz em Perigo?»

Marquis vira-se para ver as manchetes e eu solto uma exclamação desdenhosa.

— Em perigo? Está em vigor há mais de cinquenta anos. Como se meia dúzia de rebeldes o fosse derrubar.

O Acordo de Paz entre a primeira-ministra Wyvern mire e a rainha dos dragões britânicos permite que humanos e dragões coexistam em harmonia. Sem isso e o Sistema de Classes, ainda teríamos excesso de população, pessoas sem-abrigo e caça a humanos e dragões. Não compreendo este súbito movimento de resistência contra ele.

— Ontem ouvi um boato delicioso — diz Marquis, quando atravessamos a rua para Marylebone.

Salto por cima de uma fenda profunda no pavimento, impacto de uma cauda de dragão que ali ficou desde a guerra.

— A atual namorada do Hugo Montecue disse que o cunhado dela viu um dragão e um avião no céu ao mesmo tempo, a voarem *lado a lado!*

— Isso é mentira. Os dragões e os aviões têm rotas designadas para evitar colisões — recito, abrindo a porta da loja do encadernador. Uma sineta ecoa no interior, estridente.

— Bom — começa Marquis —, talvez os rebeldes estejam finalmente a levar a melhor. Quem sabe se estão mais perto de reverter o Acordo de Paz do que nós pensamos.

— Se os teus amigos acreditam que o governo está a deixar os rebeldes voar, ainda são mais burros do que eu julgava.

— Estás é com ciúmes porque o Hugo Montecue tem uma namorada nova.

— Oh, cala-te — digo, com má cara. — Ele foi a minha salvação para passar a Matemática, mais nada. Era bom professor.

Marquis abre um sorrisinho malicioso.

— Aposto que sim.

Remexo na mala, à procura de moedas para pagar ao encadernador, com as faces quentes. Os meus romances (mesmo os fingidos) têm de ser tão secretos como os do meu primo.

— Deves ter muitas razões para falar — resmungo, baixinho. — Tens tantos namorados como lenços de seda.

O encadernador entrega-me o portfólio e murmuro um agradecimento. Por trás da capa de marroquim caro estão as minhas melhores traduções, e sinto um frémito de orgulho.

Cada ato de tradução requer sacrifício — foi esta verdade cruel que fez com que eu me apaixonasse. Não existe uma correlação direta entre as palavras de uma língua e da outra, e nenhuma tradução pode ser totalmente fiel ao original. Assim, embora seja possível colmatar o abismo entre as línguas através de palavras, há sempre algum significado mais profundo que fica por revelar, um segredo invisível aos que possuem apenas uma língua para manobrar pelo mundo.

Um tradutor, por outro lado, é uma criatura que voa com vários pares de asas.

Ponho o portfólio debaixo do braço e saio da loja atrás de Marquis. No caminho para casa, passamos pela Universidade de Londres. Já estudamos aqui há dois meses. Eu saltei o último ano de escola para começar a universidade mais cedo. Gosto tanto de lá andar que os fins de semana se tornaram um tédio. Ainda tenho inveja por Marquis poder viver na residência universitária, já que é rapaz, mas sei que há universidades que nem sequer permitem que as mulheres as frequentem.

*Tens de ver o lado positivo*, disse-me o tio Thomas.

E vejo. A Universidade de Londres, com os seus terrenos beijados pelo sol, os edifícios encimados por pináculos altos e uma biblioteca gigante, é tudo aquilo com que sempre sonhei.

Sonhos... Penso na palavra em dragoniano dessa manhã.

*Mengkhenyass*.

É komodonês, uma língua de dragão que não é muito falada na Grã-Bretanha, exceto pelos comerciantes que viajam para Singapura. Tenho a tradução para inglês na ponta da língua, mas não me consigo lembrar.

— Espera — diz Marquis de repente.

Um grupo de pessoas desfila por uma das estradas sinuosas que saem de Fitzrovia. Olho para o sinal pelo qual passam quando invadem a praça.



CAMDEN TOWN - QUARTEIRÃO DE TERCEIRA CLASSE

É onde fica a casa de transição de Sophie.

— O Acordo de Paz é corrupto! — grita uma voz.

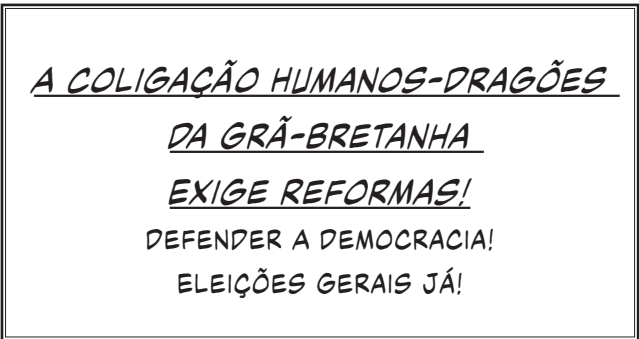
Pelo meio do grupo de pessoas de ar desalinhado, há homens de uniforme branco e capacete.

Guardiões da Paz.

Levo instintivamente a mão ao meu passe e sinto Marquis a fazer o mesmo.

— Liberdade para a Terceira Classe! — grita uma mulher a plenos pulmões.

Ela e as pessoas que a acompanham erguem cartazes acima da cabeça.



A COLIGAÇÃO HUMANOS-DRAGÕES  
DA GRÃ-BRETANHA  
EXIGE REFORMAS!  
DEFENDER A DEMOCRACIA!  
ELEIÇÕES GERAIS JÁ!

Encolho-me com um esgar quando ela é atirada ao chão e a multidão atrás dela avança, espezinhando-a.

— Justiça para os dragões! — grita outra voz.

Aparecem mais Guardiões, todos eles com cassetetes prateados, e salto para o lado quando outro grupo de manifestantes avança rapidamente, vindo de trás. Um dos cartazes atinge-me na face. Pego na mão de Marquis e os dois grupos unem-se e espalham-se mais pela praça.